

Entrevista concedida à revista *Working Papers em Linguística* pela professora e pesquisadora sul-africana Ana Deumert, que atua na Universidade de Cape Town, na área de Políticas Linguísticas Críticas, Linguística Colonial e Sociolinguística. Dentre as obras publicadas pela pesquisadora, estão: *Sociolinguistics and Mobile Communication* [Sociolinguística e Comunicação Móvel], 2014; *Introducing Sociolinguistics* [Apresentando a Sociolinguística], 2006; *Language Standardization and Language Change* [Padronização Linguística e Mudança Linguística], 2004. Deumert está atualmente coorganizando as obras *Colonial Linguistics* [Linguística Colonial] e *Varieties of German Worldwide* [Variedades do Alemão no Mundo].

WP: Professora Deumert, nos conte sobre seus estudos envolvendo Políticas Linguísticas. Em que a senhora tem focado ultimamente?

AD: Na verdade, meu trabalho não é tanto sobre políticas linguísticas quanto é sobre a vida cotidiana das pessoas e a maneira como elas se envolvem com a língua(gem) e a significação em todas as suas formas. No entanto, isso, obviamente, traz implicações para a política linguística: gostaríamos de promover políticas linguísticas que fossem sensíveis à compreensão e à experiência que as pessoas têm relação à língua(gem), e que respondessem a isso. Então, penso que este tem sido o meu foco: as formas como as pessoas “linguajam” (para usar um verbo em vez de um substantivo) para produzirem sentido, para interagirem, mas também para serem criativas, para produzirem poesia e outras formas de arte verbal.

WP: Com qual conceito de língua a senhora trabalha?

AD: Essa é uma pergunta difícil de se responder e talvez eu possa respondê-la citando o título do livro de história da Linguística de Julia Kristeva: “Língua, a desconhecida” (*Language the Unknown – An initiation to Linguistics*). Para mim, a língua(gem) é ainda desconhecida, ainda um enigma, ainda algo que trabalhamos para compreender, e não apenas algo – uma coisa, um objeto – tal qual compreendemos até então. Eu não acredito na possibilidade de limitar e definir a língua, fixando-a como um objeto que podemos estudar. Essa foi a estratégia dos linguistas desde Saussure, ao dizerem, por exemplo, que devemos nos focar na *langue*, e não na *parole*. Mais tarde, Chomsky implorou para que estudássemos a “competência” em vez da “performance”. Todas essas são tentativas de reduzir a complexidade da língua(gem) e da significação. Minha abordagem é oposta: eu quero explorar a língua(gem) e a significação em toda a sua complexidade

e caos, sua diversidade, criatividade e, frequentemente, sua falta de regras ou indisciplinaridade. E dessa forma, minha perspectiva de língua(gem) de algum modo se opõe a ideias convencionais de política linguística; por exemplo, uma crença de que podemos regular o uso da língua(gem) e, até mesmo, de que podemos policiá-lo. (Não é coincidência que “política” e “polícia” derivem da mesma raiz latina, *politia* = “administração civil”.)

WP: O que significa “Política Linguística Crítica”? Como essa perspectiva de Política Linguística se difere de outras?

Para mim, o termo “crítica” acompanha a ideia de “teoria crítica” conforme articulada pela Escola de Frankfurt. Expressa uma perspectiva filosófica particular sobre cultura; uma perspectiva que privilegia as forças e estruturas sociais, históricas e, especialmente, ideológicas que a moldam a cultura. Nesse sentido, o termo “crítica” é sempre sobre poder: as relações de poder que dão forma às políticas linguísticas. De muitas formas, então, “Política Linguística Crítica” não significa “fazer” política linguística, e sim analisar/questionar/desconstruir regimes de política linguística em vigor. Assim, a Política Linguística Crítica é parte de uma tradição crítica mais ampla. Ao mesmo tempo, não deveríamos interpretar “crítica” somente como algo negativo – a crítica é necessária, pois nos possibilita pensar de formas diferentes. Desse modo, eu vejo “Política Linguística Crítica” também como um projeto de transformação social; isto é, como um projeto político profundamente engajado em superar formas resistentes e diversas de desigualdade linguística (nos termos de Hymes); um projeto político que enfatiza a importância da língua(gem) na transformação social.

WP: Como a Política Linguística em África pode nos ensinar a ser críticos?

AD: Refletir sobre a língua/linguagem em África – bem como sobre outros contextos pós-coloniais – nos oferece uma oportunidade para se pensar profundamente a diversidade. A enumeração das línguas é obviamente um problema: deveríamos, em qualquer circunstância, considerar as línguas como objetos contáveis? As sociedades pós-coloniais são moldadas pela diversidade linguística; trata-se de sociedades muito complexas que desafiam as compreensões convencionais e modernistas de política linguística. De fato, isso desafia nossa ideia fixa de línguas definidas como objetos bem delimitados de análise e de intervenção política. E, claro, aquilo que Walter Mignolo chama de “colonialidade” está muito presente em África, o que faz emergir questões de poder e ideologia muito fortemente.

Dentre as dezenas de artigos e capítulos de livro publicados, mencionam-se:

DEUMERT, Ana. Linguistics and Social Media. In: ALLEN, Keith (Org.). *Handbook of Linguistics*. London: Routledge, 2015. p. 561-573.

_____. Digital Superdiversity: Theoretical Reflections. *Discourse, Context & Media*, n. 4, p. 116-120, 2004.

_____. Texting Africa: Writing as Performance. *Journal of Sociolinguistics*, 17, p. 522-546, 2013.

_____. Giving Voice – The Archive in Afrikaans Historical Linguistics. In: Wouden, Ton Van (Org.). *Roots of Afrikaans*. Selected Writings of Hans den Besten. Amsterdam: John Benjamins, p. 377-388, 2012.

_____. *Imbodela zamakhumsha*: Reflections on Standardization and Destandardization. *Multilingua*, v. 29, n. 3-4, p. 243-264, 2010.

_____. Language, Migration and Development: Towards an Interdisciplinary Research Agenda. In: WEBB, V.; PLESSIS, T. (Org.). *The Politics of Language in South Africa*. Pretoria: Van Schaik, 2006. p. 57-81.

_____. The Unbearable Lightness of Being Bilingual. English-Afrikaans Language Contact in South Africa. *Language Sciences*, v. 27, n. 1, p. 113-135, 2005.

_____. Standard Languages as Civic Rituals: Theory and Examples. *Sociolinguistica*, 17, p. 31-51, 2003.

_____. Variation and Standardization at the Cape (1888-1922). A Contribution of Afrikaans Socio-Historical Linguistics. *Journal of Germanic Linguistics*, n. 13, p. 301-352, 2001.

_____. Language Planning in South Africa. *International Journal of the Sociology of Language* n. 136, p. 121-128, 1999.